

1

Introdução

Breve biografia e visão geral da obra

Augusto Abelaira nasceu em março de 1926, em Coimbra, Portugal. Cursou a Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa¹. Mais conhecido por suas obras como dramaturgo e romancista, Abelaira foi também professor, tradutor e jornalista, atuando, nesta última função, sobretudo como cronista em jornais como *O Jornal* e o *Jornal de letras, Artes e Ideias*. Dirigiu as revistas *Vida Mundial* (de 1974 a 1975) e *Seara Nova* (entre 1968 e 1969), além de ter sido presidente da Associação Portuguesa de Escritores (de 1978 a 1979). Embora haja romances de Abelaira escritos nos anos 40, estes foram recusados pelas editoras e permanecem, até hoje, inéditos – *Lugar-geométrico*, *Beco sem saída* e *Os anos inúteis*. Seu primeiro romance publicado foi *A Cidade das Flores*, também recusado pelas editoras, mas por razões políticas, e publicado em edição do autor (1959). Como referência e para facilitar a leitura desta dissertação, uma cronologia das obras de Augusto Abelaira é apresentada em nota abaixo.²

Politicamente engajado no combate à ditadura de Salazar, integrou movimentos de oposição. Foi detido mais de uma vez, sendo notória sua detenção por alguns dias em 1965 quando, como presidente do júri, atribuiu o Grande Prêmio da Novelística da Sociedade Portuguesa de

¹ As informações biográficas e informações de caráter factual sobre as obras do autor foram retiradas dos sites da BNP e do Instituto Camões. Site da BNP disponível em:

<http://www.bnportugal.pt/index.php?option=com_content&view=article&id=296%3Aaugusto-abelaira&catid=1%3A2008&Itemid=256>. Site do Instituto Camões disponível em: <<http://cvc.instituto-camoes.pt/figuras/augustoabelaira.html>>. Acesso em: 30 jun. 2009.

² *A Cidade das Flores* (1959); *Os Desertores* (1960); *As Boas Intenções* (1963); *Bolor* (1964); *Enseada Amena* (1966); *Quatro Paredes Nuas* (1972); *Sem Tecto Entre Ruínas* (1979); *O Triunfo Da Morte* (1981); *O Bosque Harmonioso* (1982); *O Único Animal que...* (1985); *Deste Modo ou Daquele* (1990); *Outrora, Agora* (1996)

Escritores ao angolano José Luandino Vieira, que então se encontrava preso no Tarrafal.

Como romancista, nunca teve grande sucesso de público, mas recebeu diversos prêmios por suas obras. Abelaira nos legou doze romances, três peças de teatro, um livro de contos e dezenas de crônicas publicadas nos jornais, crônicas estas voltadas para a esfera política e cultural.

Embora seja algumas vezes listado como autor neo-realista, ao lado de Alves Redol e Carlos de Oliveira, Abelaira nunca esteve diretamente ligado a este movimento. Colocá-lo junto a outros autores reconhecidamente neo-realistas parece ser mais uma forma conveniente de agrupá-lo com seus contemporâneos, quando é preciso fazer um ‘panorama’ de sua geração ou da produção do período, do que uma avaliação crítica de sua obra.

A este respeito, creio que o melhor a fazer é deixar falar o próprio escritor, que escreveu sobre sua relação com o neo-realismo bem cedo em sua carreira, no posfácio de *A Cidade das Flores*:

O que pretendo salientar é o seguinte: Se *A Cidade das Flores* visse a luz do dia nos anos 40, teria sido considerada neo-realista? - Não - e este ponto parece-me ter alguma importância. *A Cidade das Flores* talvez fosse então atacada por alguns (e até com muita razão) como exemplo dum burguesismo decadente, etc. Porque o neo-realismo proposto e praticado nos tempos heróicos é uma realidade; o modo como ele veio a desenvolver-se (ou como ele veio a ser encarado, talvez com imprudência, por quase toda a crítica e até pelos leitores) é outra. Um movimento vive no tempo, tem de adaptar-se às contingências, sofre uma evolução que não é fatalmente progressiva ou regressiva, mas que é mudança, transformação. E hoje são considerados neo-realistas, se não de direito, pelo menos de facto, quantos, analisando melhor ou pior a realidade portuguesa neste ou naquele aspecto, se irmanam numa crença comum (o socialismo) acerca da evolução histórica. E assim, como não são dogmáticos e como prezam a liberdade artística, exprimem-se de maneiras diversas.³

³ ABELAIRA, A. *A Cidade das Flores*, posfácio, p.271.

Qualquer que seja a designação escolhida, ou, talvez, dependendo do recorte que se queira traçar para incluir / excluir autores e obras do neo-realismo português, é certo que Abelaira nunca se absteve de tomar posições políticas, nem tampouco de fazer uma crítica ferrenha ao Estado Novo português. Estranhamente – ou talvez em consequência de ter sido ‘excluído’ do movimento ao qual nunca pertenceu –, a leitura dos ensaios críticos que constam da Bibliografia desta dissertação me faz supor que a dimensão política da obra de Abelaira tem sido negligenciada pelos estudiosos. Retomarei a face política de Abelaira mais à frente, deixando claro, contudo, que não é tarefa da presente dissertação opinar sobre a posição deste autor dentro dos estudos aprofundados que hoje versam sobre a corrente neo-realista.

O Objeto de estudo

A respeito da recorrência não só de temas, mas também de lugares e personagens em suas obras, Abelaira declarou uma vez, em entrevista ao *Ciberkiosk*:

Certos romancistas contam histórias, histórias a que assistiram, que ouviram, leram nos jornais, inventaram. Tais romancistas escrevem romances muito diferentes uns dos outros. Mas há aqueles que se contam a si próprios, digamos assim (isto não significa que escrevem autobiografias). Estes últimos escrevem sempre o mesmo romance, variações sobre os mesmos temas (os temas que os preocupam). (...) Escrevo sempre o mesmo romance (tanto assim, que não distingo uns dos outros, não sei se certas cenas pertencem a este ou àquele). Embora talvez pudesse dizer que escrevo dois romances - ou sirvo-me de duas perspectivas para escrever o mesmo romance.⁴

Abelaira é demasiado modesto ao dizer, nesta entrevista, que “escreve sempre o mesmo romance”: mesmo quando faz uso dos mesmos personagens (que já serão outros, por estarem em novo contexto) ou lança mão de recursos narrativos similares em mais de uma obra, cada texto possui uma identidade própria que o torna particular, dando a Abelaira ao

⁴ VASCONCELOS, M. Variações sobre um mesmo tema. In: *As mãos da escrita*. Disponível em: < <http://purl.pt/13858/1/geneses/1/2-variacoes-abelaira.html> >

mesmo tempo uma marca autoral que o torna prontamente reconhecível e criando uma diferenciação entre os livros que passa pelo tom, pelo foco da narrativa e, tipicamente, pela forma como as interrupções constantes da narrativa principal estão estruturadas.

Dos três livros que compõem o objeto de estudo desta dissertação, a aproximação entre *Bolor* (1968) e *Quatro paredes nuas* (1972) partiu inicialmente da afirmação de Manuela Vasconcelos, quanto aos dois livros serem “variações sobre um mesmo tema [...] escritos sensivelmente no mesmo período (ambos na década de 60, embora os textos de “*Bolor/2*” antecedam os de *Bolor*)”⁵. O *Triunfo da Morte* foi acrescentado num segundo momento, por ser uma sátira aberta, na qual podem ser encontradas muitas referências ao processo de criação e estruturação da escrita do autor. Formam aqui um conjunto, arbitrariamente definido por mim para análise, por serem obras que tornam muito evidentes alguns dos procedimentos de escrita do autor. Nelas, o autor leva ao extremo os diálogos que não se respondem, as quebras de continuidade propositais, a temática das relações amorosas que decaem, as considerações políticas e as digressões filosóficas, digressões que ele torna quase tão centrais quanto a narrativa central. Estes três livros também tornam patente a ordenação da narrativa abelairiana que surge, sempre, da *desconstrução da linearidade da narrativa* e da explicitação do processo de escrita ficcional como um triplo movimento de apagamento, reordenação e apresentação reestruturada do mundo e da realidade.

⁵ VASCONCELOS, M. Loc.cit.